

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15444 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO DE PROFESSORES FORMADORES INICIANTES NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: ITINERÁRIOS (AUTO)BIOGRÁFICOS
Sebastião Kennedy Silva Soares - 10ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro

PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO DE PROFESSORES FORMADORES INICIANTES NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: ITINERÁRIOS (AUTO)BIOGRÁFICOS

Resumo: Este trabalho está direcionado aos processos de socialização profissional de professores formadores iniciantes no ensino superior como eixo dos desafios e possibilidades durante os primeiros anos de atuação dos formadores no contexto da docência universitária. O estudo foi ancorado a partir das ideias de Huberman (1992), (Garcia, 2008), (Bozu, 2010), (Ruiz e Moreno, 2000), (Delory-Momberger, 2012), (Dubar, 1997), (Berger; Luckmann, 1973). O percurso metodológico do estudo foi baseado a partir da abordagem de história de vida (auto)biográfica, pesquisa bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo com a participação de seis professores formadores em início de carreira. Os dados sinalizaram que os formadores vivenciaram nos processos de socialização em início da carreira na docência universitária sentimentos de angústia, solidão pedagógica e institucional, incertezas, além da falta de informações, choque de realidade, sobrevivência e descobertas da/na docência.

Palavras-chave: Socialização docente, professor formador iniciante, docência universitária, (auto)biografia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está direcionado aos processos de socialização profissional de professores formadores iniciantes no ensino superior como eixo dos desafios e possibilidades durante os primeiros anos de atuação dos formadores no contexto da docência universitária. O estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla que buscou analisar a constituição das trajetórias formativas de professores formadores em início de carreira no ensino superior em instituições públicas na região Norte do Brasil. O trabalho foi realizado com seis docentes iniciantes (com até cinco anos de atividades profissionais na universidade) por meio de narrativas (auto)biográficas sobre aspectos da história de vida e desenvolvimento profissional desses formadores. O estudo foi organizado em três partes: a entrada na carreira docente e os processos de socialização. A pesquisa teve como quadro teórico as ideias de Huberman (1992), (Garcia, 2008), (Bozu, 2010), (Ruiz e Moreno, 2000), (Dubar, 1997), (Almeida, 2012), (Veiga, 2009), (Pimenta e Anastasiou, 2005), dentre outros, autores que discorrem sobre a docência e os percursos (auto)biográficos dos formadores de professores.

A fase inicial da carreira docente é um momento de (re)construção do ser e estar

docente, uma vez que o professor é direcionado a assumir posições e atitudes consoantes a essa figura, e não mais como alunos. Entre erros e acertos, os docentes iniciantes são direcionados a buscarem ações que correspondam às demandas institucionais, no âmbito da gestão, e aos desafios encontrados no fazer docente (GARCIA, 2008).

Para Huberman (1992), a inserção na docência é marcada por um estado de sobrevivência e descoberta; nesse momento, o professor é desafiado a uma nova realidade de atuação desconhecida profissionalmente. Para Tardif (2014), o início da carreira do professor pode apresentar um elo de equilíbrio ao desespero, uma vez que essa fase pode dizer muito sobre quem será o docente e como desenvolverá o trabalho em sala de aula. No âmbito do Ensino Superior, a fase inicial na docência universitária pode representar, ao professor iniciante, um período de vivências entre tensões e aprendizagens permanentes, sobretudo pela transição da figura de aluno para o papel de docente. Segundo Bozu (2010, p. 58), tal fase “[...] é um processo de reorganização dos conhecimentos, de atitudes, revisão e avaliação permanente sobre a construção da sua identidade como professor formador”.

Ruiz e Moreno (2000) argumentam que a referida fase é caracterizada por um momento de dúvidas, inquietudes e angústias vivenciadas pelo professor na trajetória formativa de vida e profissional. Juntamente a isso, a inserção na docência universitária pode ser uma experiência problemática e estressante, pois nem sempre as expectativas do professor formador são atendidas no âmbito da universidade, seja no desenvolvimento do ensino com a pesquisa, da pesquisa em si, da relação entre professor e aluno, das dificuldades entre a disciplina a ser ofertada e do trabalho coletivo entre os pares (BOZU, 2010). Nesse sentido, ao propormos a análise das trajetórias formativas de formadores iniciantes no contexto dos cursos de licenciaturas, enfocando os processos de socialização dos formadores almejamos construir conhecimentos que auxiliem na promoção e valorização do docente do Ensino Superior, especialmente de formadores no começo da carreira (VAILLANT, D.; GARCIA, 2012).

Concebemos a socialização como um elemento essencial no percurso de vida e desenvolvimento dos formadores, como um processo interativo e multidirecional, ou seja, a socialização “[...] não é apenas transmissão de valores, normas e regras, mas desenvolvimento de determinada representação do mundo. É um processo de identificação, de construção da identidade, ou seja, de pertencimento e de relação” (DUBAR, 1997, p. 23).

Assim, a socialização não é condicionamento ou adquirida, mas construída nas relações, nas interações entre os sujeitos envolvidos nas atividades sociais em determinado grupo ou comunidade, possibilitando ao indivíduo um processo de retomada de si e ressignificação sobre as ações e atitudes compartilhadas no seu grupo de atuação. Em outras palavras, uma ação reflexiva e não automática ou mecânica fruto das relações sociais. Diante disso, a “[...] a socialização implica a possibilidade de a realidade subjetiva ser transformada. Estar em sociedade já acarreta um contínuo processo de modificação da realidade subjetiva” (BERGER; LUCKMANN, 1973, p. 205).

Por outro lado, tal movimento de entrada na carreira docente na universidade exige pensar também a formação do professor formador. Zabalza (2004) afirma que a docência universitária exige do professor conhecimento específico, no mínimo, para exercer a profissão. Pimenta e Anastasiou (2005, p. 154) explicam que a “[...] formação docente para o Ensino Superior no Brasil ainda fica a cargo de iniciativas individuais e institucionais esparsas, que não se referem a um projeto nacional ou da categoria docente”. Assim, a docência do formador precisa ser pensada e questionada, de modo a romper com a máxima de que automaticamente “sabe ensinar” (ALMEIDA, 2012). Entendemos que o desenvolvimento profissional do professor, entendido como um processo se constrói ao longo da vida, demanda conhecimentos específicos e habilidades como qualquer outra profissão.

Outra questão que merece debate diz respeito às propostas de formação docente realizadas por programas de pós-graduação na formação do professor do Ensino Superior. (VEIGA, 2009). Nóvoa (1995) ressalta que a formação do professor deve ser pensada, reformulada e (re)construída desde a formação inicial e continuada. Garcia (1999) compreende a formação docente como um contínuo sistemático e organizado, uma área de conhecimento e investigação que envolve mudanças e inovações abarcadas ao longo da carreira dos professores.

TECER METODOLÓGICO

O percurso metodológico tecido teve como base a pesquisa qualitativa sob ótica da história de vida ancorada nos princípios da investigação (auto)biográfica, apoiada no estudo bibliográfico, documental e de campo. Nesse sentido, “o objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524). Além disso, os estudos a partir da ótica da história de vida, conforme Goodson (1992, p. 75), nos permite analisar a vida do professor com a história da sociedade, “[...] esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções com que se deparam o indivíduo”. Para o desenvolvimento dos dados da investigação, utilizamos os parâmetros das entrevistas semiestruturadas, a partir de eixos norteadores que serviram de estímulo e provocação aos colaboradores.

Após o registro das narrativas foi realizada a transposição do texto oral para o escrito. O percurso analítico foi elaborado à luz de uma reflexão interpretativo compreensiva (SOUZA, 2014), cujo propósito do trabalho foi compreender a constituição das trajetórias formativas de professores formadores iniciantes nos Cursos de Licenciaturas em Pedagogia, História e Educação do Campo em instituições públicas de ensino superior na região Norte do Brasil.

DADOS DA PESQUISA

A seguir apresentamos os relatos dos formadores sobre os processos de socialização vivenciados no início da docência universitária. A faixa etária dos formadores variou de 32 a

53 anos de idade, de acordo com o período da pesquisa de campo. Com relação ao local de nascimento, cinco professores são naturais de estados/regiões diferentes de onde trabalham. O perfil dos formadores demarca um processo de imigração interna de profissionais das regiões Sul e Sudeste do país, em busca de oportunidades de trabalho rumo a Região Norte do Brasil. Os formadores expressaram que a socialização, na fase de inserção na docência universitária, foi construída, na maioria das vezes, mais por relações individuais do que coletivas. Pelos excertos a seguir, pudemos analisar que ela ocorreu geralmente entre os próprios colegas da instituição. Não evidenciamos nos relatos um apoio institucional na recepção aos professores, bem como políticas ou programas de formação para a docência superior.

Nesse sentido, percebemos pelas narrativas que o saber-fazer no começo da docência universitária, para os professores, ocorreu a partir da busca constante de informações sobre os processos pedagógicos e administrativos no âmbito da universidade, do que propriamente por iniciativas promovidas pelas instituições e trabalhos entre os pares. Ao abordarem o processo de socialização entre os pares, no que se refere ao desenvolvimento de ações na docência universitária, muitos participantes enfatizaram a dificuldade de estabelecer um trabalho sistemático e coletivo no grupo de professores dos referidos cursos e instituições.

Com base nos relatos, foi possível identificar a falta do trabalho colaborativo entre os membros dos cursos, ocasionada por dilemas das relações interpessoais, falta de entrosamento e individualismo (FONTANA, 2010), além da ausência de espaços de diálogo entre as áreas que compõem o corpo docente e a instituição. Assim, o trabalho do professor, sobretudo o do iniciante, não pode ser realizado “[...] apenas individualmente, mas, sim, no contexto coletivo e em parceria, concreta e intencional” (BARAÚNA; ÁLVARES, 2006, p. 35). As narrativas dos docentes apontaram também diversos aspectos acerca da socialização e interação com os alunos na universidade. Os professores demonstraram ter boa relação com as turmas em que atuavam, mas grande parte ressaltou dificuldades na fase inicial da docência superior, em específico o cumprimento e a responsabilidade dos discentes no que tange às atividades acadêmicas.

Diante dessa reflexão, apreendemos pelos relatos que a socialização promove aprendizagens e experiências significativas na formação dos discentes e no desenvolvimento profissional dos professores. Acreditamos que houve um pensamento reflexivo dos colaboradores (NÓVOA, 1995), no que tange ao trabalho com os alunos em sala de aula, uma vez que os docentes ressaltaram, a partir das memórias, a busca permanente para compreender que os estudantes apresentam ritmos e estilos de aprendizagem atinentes a contexto, situação e intenção da docência (ZABALZA, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas dos formadores desvelaram a importância de inserir e valorizar, nas ações formativas dos professores, os saberes advindos da história de vida e profissional, de modo a criar redes colaborativas de formação e aprendizagens, como autores e participantes

das ações tomadas no âmbito da política educacional e institucional (MIZUKAMI, 2005-2006). Foi possível compreender que os processos de socialização vivenciados pelos participantes da pesquisa no começo da docência na universidade foram construídos mais por relações individuais do que coletivas. Eles vivenciaram sentimentos de angústia, solidão pedagógica e institucional, incertezas, além da falta de informações, choque de realidade, sobrevivência e descobertas da/na docência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. I. de. *Formação do professor do Ensino Superior: desafios e políticas institucionais*. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação: Ensino Superior).

BARAÚNA, S. M.; ÁLVARES, V. O. de M. Docência Universitária – a prática e a formação do professor engenheiro. In: CICILLINI, G. A.; BARAÚNA, S. M. *Formação docente: saberes e práticas pedagógicas*. Uberlândia: Edufu, 2006, p. 13-40.

BERGER, P; LUCKMAN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1973.

BOZU, Z. El profesorado universitario novel: estudio teórico de su proceso de inducción o socialización profesional. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia*, n. 3, p. 55-72, Ene. 2010.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, 2012.

DUBAR, C. *Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GARCIA, C. M. (Coord.) . *El profesor principiante: inserción a la docencia*. Barcelona: Octaedro, 2008.

GARCIA, C. M. *Formação de professores: por uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Lisboa: Porto Editora, 1992, p. 31-61.

HUBERMAN, M. O ciclo da vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Lisboa: Porto Editora, 1992, p. 31-61.

MIZUKAMI, M. da G. N. Aprendizagem da docência: professores formadores. *Revista e Currículum*, v. 1, n. 1, dez./jul. 2005/2006.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e a sua formação*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 13-33.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez, 2005.

RUIZ, C. M.; MORENO, M. S. *El reto de la formación de los docentes universitarios: una experiencia con profesores noveles*. Sevilla: Kronos, 2000.

SOUZA, E. C. de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*, v. 39 n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

VAILLANT, D.; GARCIA, M. *Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem*. Curitiba: UTFPR, 2012.

VEIGA, I. P. A. *A aventura de formar professores*. Campinas: Papyrus, 2009.

ZABALZA, M. A. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.